

Sznelwar, Laerte Idal; "À guisa de Conclusão", p. 123-125 . In: **Quando Trabalhar É Ser Protagonista e o Protagonismo do Trabalho**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-095-7, DOI 10.5151/BlucherOA-trabalhosznelwar-007

4

CAPÍTULO

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao tratar de uma questão que tem muitas facetas, como a do trabalho humano e a sua importância tanto para os sujeitos como para o desenvolvimento da cultura, adentramos num campo cheio de contradições, de conflito e de visões divergentes, senão opostas.

A partir do que aqui foi exposto, o que não é novidade para quem está preocupado e ocupado com o futuro da humanidade, são inquietantes os sinais que emanam do mundo da produção, mesmo que, em alguns momentos possamos vislumbrar algo de inovador e que permita enxergar caminhos mais alentadores. Cumpre ficarmos alerta acompanhando o desenvolvimento das organizações e ajudando a criar condições para que as situações encontradas não sejam consideradas como imutáveis, como se tudo que seja feito em detrimento das pessoas e do viver junto seja banal e incontornável. O sinais de que a organização não propicia boas condições para o desenvolvimento de atividades deonticas são claros para quem não adotou uma atitude cínica. Quando o excesso de competição impera, quando as atividades de cooperação e de colaboração entre colegas tendem a diminuir, quando busca-se encontrar os bodes expiatórios para os problemas existentes, quando se trata o outro com desdém, quando impera a paranoia de que tudo deve ser controlado, urge fazer algo em outro sentido. Outros sinais ainda mais graves estão correlacionados a atividades de sabotagem e quando o cinismo defensivo, inclusive com relação a clientes, pacientes e cidadãos. Há um grande perigo quando certos tipos de comportamento que vão de encontro à ética e a moral são considerados como inevitáveis, como um mal menor para se evitar um mal maior, quando se busca a adesão e o consentimento de todos para que o mal seja considerado como inevitável. A luta pelo desenvolvimento da ética requer vigilância e atenção constantes, resistir a certos tipos de banalização da injustiça, quando se diz que não há outro tipo de solução, infelizmente não é a regra geral.

O debate entre diferentes campos de conhecimento não deve servir para preencher os nossos portfolios acadêmicos, enriquecendo as prateleiras das bibliotecas ou aumentando a quantidade de dados armazenadas nos nossos discos duros ou aumentando a densidade da “nuvem”. Trata-se, sobretudo de uma troca entre pontos de vista com algum propósito visando uma ação no mundo. Afinal, a partir da ergonomia, da psicodinâmica do trabalho e das ciências da organização, somos protagonistas, temos um papel que é encenado no espaço público da polis. Fica evidente que este diálogo entre diferentes campos do conhecimento é fundamental, uma vez que não há um que dê conta das necessidades que emergem da vida da produção.

Neste trabalho, o foco esteve voltado para algumas áreas do conhecimento, já ditas anteriormente. Isso não significa que as outras que tratam dessas questões tenham menor importância ou pertinência. Trata-se de uma escolha e, também de limitações pessoais. Para mim, fica evidente, que já estão abertas as portas para que este diálogo continue e que as teses aqui defendidas possam ser consideradas como válidas, que possam ser defendidas e refutadas. O fato de trazer para a cenário onde atuo a questão do ser protagonista e do protagonismo do trabalho teria uma consonância com os objetivos enunciados, para agir no mundo, os sujeitos estão no centro da sua cena e o trabalho estaria no centro da produção.

O conceito de protagonista, emprestado do grego, traz a ideia de estar no centro da cena, de ser o primeiro que está atuando, de ser aquele que se coloca à frente, seria o *protos* (primeiro, principal) *agonistes* (lutador, competidor), enfim é o personagem principal, uma espécie de herói na cultura latina.

A tese aqui defendida não parte do princípio que haveria uma hierarquia entre as pessoas, pelo contrário, uma vez que todos são protagonistas em sua vida, em seu trabalho, trata-se muito mais de uma relação de igualdade. No caso do trabalho, a proposta é de evitar que este continue a ser o *deuteroniste* (o segundo) ou o *triagoniste* (o terceiro) no mundo da produção. O principal risco seria o de anular o sujeito e o trabalho como centrais para a produção.

Enfim, entre o sujeito da insalubridade ao sujeito da emancipação se situa o protagonismo do trabalhar.

4.1 UMA PALAVRA FINAL:

Vocês podem se considerar como qualificados e aptos para agir no mundo como engenheiros e engenheiras desempenhando um papel fundamental, através do vosso trabalho, para realizar os vossos sonhos e para, sobretudo serem atores sociais em processos de melhoria da produção e da vida das pessoas em nossa sociedade.

Vocês já são protagonistas na vida pessoal, na família, nos círculos de amizade, no amor, em tantos outros.

Agora vocês assumiram um papel de protagonistas no mundo da produção. Através dele vocês poderão ter experiências muito ricas que, certamente reforçarão a ideia que todos nós pisamos no palco da vida para construir um processo de realização de si.

Neste processo, o trabalho de vocês terá um papel central, na vida de vocês, afinal é através dele que vocês serão protagonistas enquanto engenheiros engenheiras.

Mas isso não é tudo há tantas outras coisas a viver, a experimentar, a fazer. Todavia vocês podem ter certeza que aquilo que farão enquanto profissionais terá um grande impacto para vocês e para aqueles que os rodeiam. Agir com tantos outros atores neste universo de protagonistas é uma arte.

Assim, desejo tudo de bom para vocês e muita sabedoria para fazer frente aos desafios que terão.

Grande abraço de alguém que ficou muito honrado com a homenagem. Isto me deixou muito feliz e, sobretudo ciente de que vale a pena...

*Minha fala de formatura para os Engenheiros
de Produção da POLI em 2012*